

Fonte

Diário de Notícias

Data

2020.11.11

Classificação

Vírus

Há transmissão comunitária na Madeira?



IASAÚDE garante que, apesar do aumento do número de casos de transmissão local na Região, não estão reunidas as condições para se falar em transmissão comunitária activa. Fica, porém, o alerta: convívios familiares ou de amigos podem levar ao descontrolo

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

A 24 de Março de 2020 era identificado o primeiro caso de transmissão local de coronavírus na Madeira (uma semana depois do primeiro caso positivo de covid-19). Actualmente, a Região Autónoma soma mais de 60 casos de transmissão local. O aumento do número de infecções de origem local nos últimos dias tem levado muitas pessoas a questionar se estamos perante uma situação de transmissão comunitária activa.

Ao DIÁRIO, o presidente do Instituto de Administração da Saúde (IASAÚDE) da Madeira garante que “todas as cadeias de transmissão estão a ser identificadas”.

“Transmissão comunitária activa significa que, de uma forma consistente e sustentada, começam a aparecer vários casos sem ‘link’. Ou seja, casos em que não há uma evidência do contacto prévio com um caso positivo ou uma viagem para um local com transmissão comunitária activa. Até agora, todas as cadeias de transmissão estão a ser identificadas. Por isso, neste exacto momento, não podemos dizer que existe transmissão comunitária activa, porque há um ‘link’. O que há

EXISTEM DUAS NOVAS CADEIAS DE TRANSMISSÃO LOCAL QUE ESTÃO A SER RASTREADAS



Até agora, todas as cadeias de transmissão estão a ser identificadas. Por isso, neste exacto momento, não podemos dizer que existe transmissão comunitária activa, porque há um ‘link’. O que há na Região é transmissão local.



(...) Neste momento a transmissão local está a ser motivada por convívios familiares e de amigos, na própria residência ou noutros locais.

HERBERTO JESUS
Presidente do Instituto de Administração da Saúde (IASAÚDE) da Madeira

na Região é transmissão local”, esclarece Herberto Jesus.

Presentemente, adianta, “temos cerca de 20 cadeias de transmissão identificadas, espalhadas por toda a Região”, sendo que “o maior número está centralizado a partir do Funchal” (devido à maior densidade populacional).

Herberto Jesus revela ainda que “existem duas novas cadeias de transmissão local que estão a ser rastreadas”. Na sua origem estarão “convívios entre familiares e amigos”.

Com efeito, o presidente do IASAÚDE observa que “neste momento a transmissão local está a ser motivada por convívios familiares e de amigos, na própria residência ou noutros locais”.

“Nesses jantares de degustação ou convívios em casa com os amigos tiramos a máscara; são períodos longos, não são períodos só de 15 minutos e isso tem sido uma fonte de preocupação para nós. Não serve de nada usar máscara obrigatória nas ruas, nos centros comerciais e em todos os sítios, quando depois em casa, em vez de me resguardar, convivo amigos que até não sei se estiveram há uma ou duas semanas fora”, alerta.

Por outro lado, nota que “estas pessoas também trabalham. Têm esses jantares, contactam com alguém e regressam aos seus trabalhos; trabalham em determinadas empresas ou organismos e depois também têm os filhos nas escolas... De repente, uma coisa que podia ser pacífica torna-se numa transmissão local com um número elevado de casos”.

Embora até hoje todas as cadeias de transmissão tenham sido identificadas, a autoridade regional de saúde ressalva que tal “não implica que daqui a dias isso possa não acontecer”. “Estamos a ter um trabalho hercúleo, todos nós como sociedade e como Região. Um trabalho que está a custar-nos imenso sob todos os pontos de vista e, de repente, por eventos de natureza familiar torna-se difícil depois controlar esta situação”, sustenta Herberto Jesus.

Herberto Jesus revela que são cerca de 20 as cadeias de transmissão identificadas; estão espalhadas por toda a Região, com maior incidência na zona do Funchal. FOTO ASPRESS



TRANSMISSÃO IMPORTADA, LOCAL E COMUNITÁRIA

■ A transmissão importada ocorre quando alguém é diagnosticado num país, sendo que foi infectado noutro.
■ A local é quando a pessoa infectada não esteve noutro país com registo da doença, mas teve

contacto com um paciente infectado.
■ A transmissão comunitária ocorre quando o vírus circula na comunidade sem que seja possível identificar a origem de todas as cadeias de transmissão.

A identificação das cadeias de transmissão é, de resto, um trabalho “árduo”, “longo” e que “implica muitos recursos humanos”. Na Madeira, este rastreio envolve cerca de 30 a 40 profissionais de saúde que estão ligados às Delegações de Saúde Regionais de cada concelho e também na Unidade Operativa de Saúde Pública do concelho do Funchal, liderada pelo médico Maurício Melim. Todavia, os recursos poderão vir a não ser suficientes.

“Se tivermos mais casos de transmissão local, temos de envolver mais profissionais. Este é um esforço muito intenso, todos os dias da semana, 24 horas por dia, e é um esforço que está a aumentar agora devido aos novos casos de transmissão local (...) Como somos uma região pequena, como nos conhecemos uns aos outros e temos uma densidade populacional extremamente elevada, o que facilita ao contágio, basta um caso para desencadear centenas de casos. É por isso que este processo de identificação é contínuo, exigente e depende da cooperação das pessoas. Se as pessoas não

nos ajudarem não há sistema de saúde que aguente em nenhuma parte do mundo”, reforça o responsável.

Dá o exemplo de Portugal continental, mas também da Alemanha, Itália ou Espanha, “que são países que têm muito mais condições económicas do que nós e um maior número de camas e também estão a entrar em ‘burnout’”.

Apesar de não gostar de “fazer futurologia”, antevê a possibilidade da situação evoluir para transmissão comunitária. “Se o número de casos aumentar nestes próximos dias... vamos ver (...) Se houver um certo descontrolo e nós não conseguirmos estabelecer o ‘link’, passamos a chamar transmissão comunitária activa”, mas deixa a garantia: “Quando nós deixarmos de conseguir estabelecer o ‘link’ vamos ser os primeiros a dizer. Assim que saiba, comunicamos logo à Direcção Geral de Saúde. (...) Com essas coisas não se brinca”.

O IASAÚDE apela ainda à colaboração dos cidadãos. “De que serve que o sistema de saúde pública e a sociedade estejam a dar o seu melhor, quando há convívios familiares

sem regras nenhuma? As pessoas pensam que quando estão em casa a pandemia não existe, mas o vírus não está só na rua. Está dentro de casa quando trazemos amigos e pessoas de fora. Precisamos uns dos outros e todos temos de colaborar”.